

Ainda acerca da Intervenção Cívica. O papel da Televisão

Alfredo Pereira

Edição NÓS MEDIA, 2006.



Falava eu, no meu último artigo, acerca daquilo que deve ser o Papel dos Meios de Comunicação Social, ditos de massa, na intervenção social e cívica, devendo ter “*um olhar panóptico sob a actuação da nossa classe política, na denúncia sempre que se justifique, de irregularidades e injustiças, na apresentação e na discussão de ideias*” (vide Pereira, Alfredo, *Intervenção Cívica*, Liberal-On-line, postado em 18-09-2006) e ainda acrescentava acerca da necessidade que há de esclarecer a população e contribuir para a criação de uma massa crítica na sociedade, para que estes possam reivindicar efectivamente os seus direitos.

Em consequência do acima dito procuro regularmente, sempre que me é permitido pelo tempo ou vice-versa, analisar esse papel que cabe aos *mass media*. Na análise à uma entrevista do Presidente da Câmara Municipal da Praia (PCMP), concedida ao programa Fórum Africa, retransmitido no 09/09/2006, verifiquei como é que facilmente a Televisão pode perverter tal ordem das coisas e dar a razão à Chomsky, quando o mesmo alerta para o facto de a Televisão (poder) ser um dispositivo controlador, que manipula e domestica o pensamento das massas, desprovendo-as do espírito crítico e,

que os programas televisivos, como os debates, não passam da negação da discussão, do esclarecimento, acabando por pactuar com as elites e o sistema fazendo propaganda à sua política.

Não me interessa aqui debater acerca da total sustentabilidade da teoria de Chomsky, sobretudo aplicado em Cabo Verde, até porque há e haverá sempre tempo e lugar para tal, no entanto não posso deixar de constatar a cumplicidade, voluntária ou não, do jornalista que transformou um debate que deveria ser sério e esclarecedor numa amena cavaqueira entre o súbdito e o seu rei, num dia em que o mesmo o deu liberdade para tal. Senão analisemos alguns aspectos da dita conversa de 26 minutos:

Quadro dos temas propostos pelo entrevistador e o tempo a eles dedicado

TEMA	TEMPO	(1) PERCENTAGEM¹
Receio de Sair à noite (Insegurança)	3 MN	12.%
Falha de electricidade, vulgo o <i>Apagão</i>	3 MN	12%
(2) Saneamento e últimas chuvas ²	13:45 MN	52%
Projectos de Digitalização	0 MN	0%
Pobreza e Paludismo	0 MN	0%
(3) Infra-estruturas ³	1 MN	4%
Mudança de Mentalidade	1:45 MN	6%
Apresentação e pergunta de introdução	3:15 MN	12%
Fecho do programa	0:15 MN	1%

Primeiro ponto

Pelo quadro acima exposto só posso entender umas das duas situações: Ou o jornalista perdeu-se no tempo e não conseguiu abordar a entrevista como desejaria ou então evitou, voluntariamente, falar ou desenvolver temáticas mais espinhosas para o nosso edil camarário, ou seja, as questões respeitante à criminalidade e a electricidade, que têm sido somente as duas maiores dores de cabeça dos praiense nos últimos tempos.

Segundo ponto

Durante toda a entrevista, o entrevistador intimidado, provavelmente pelo porte físico do entrevistado, não conseguiu projectar nem voz nem personalidade deixando que a conversa fosse claramente conduzida pelo PCMP, limitando-se em 26 mn a ajudar o Dr.

¹ Percentagem relativa ao total da entrevista, ou seja, 26 minutos. Arredondado à primeira casa decimal.

² Os temas em causa não estão separados pois foram abordados indiscriminadamente e em conjunto, quer pelo entrevistador quer pelo entrevistado.

³ O assunto foi abordado no decorrer das respostas às questões relativas às últimas chuvas

Felisberto Vieira a pavonear-se e gabar-se dos seu estatuto académico: “*até porque como sociólogo*”, dos seus “trabalhos” enquanto deputado da nação e da sua condição de bruxo ou cartomante “*nós prevemos a queda do muro* (referindo-se ao muro da subida da Achada de Santo António que veio abaixo nas últimas chuvas)”. Pena que só tenha previsto, não tendo conseguido ou desejado mexer-se antes que (ou foi para que) a sua previsão se concretizasse (?).

Terceiro ponto

A juntar-se à fraca tonalidade e projecção da voz, associa-se ao jornalista em causa a incapacidade de fazer perguntas de fundo ao PCMP. A cada questão mais incómoda o dito balbuciava, abaixo do vozeirão do seu interlocutor, palavras e perguntas de difíceis compreensão como é o caso de: “*mas* (o trabalho até aqui desenvolvido) *fica aquém do desejado*”, ao mesmo tempo que parabenizava o edil com interrogações enviesadas como: “*mas têm* (empregados camarários) *reconhecido a dificuldade que é manter a cidade limpa, como desejaria certamente?*” E para mostrar o seu apreço para com o homem, não se coíbe de aquiescer com a palavra “*exactamente*”, quando o PCMP, à certa altura da dita conversação, diz que só gente de bom senso é que não reconhece o imenso trabalho que tem feito à frente da Câmara Municipal da Praia.

Por outras palavras, em 26 minutos foram tantas as situações anómalas que dificilmente podemos dizer que estivemos perante uma situação de pura incompetência, mas caso seja isso, então pergunto: porquê este jornalista e não outro? Porquê tal linha editorial e não outra? Porquê tal estruturação temporal e não outra? Perante tamanhas incongruências, porquê manter este jornalista à frente do dito programa?

Posto isto, quero crer, que embora possa ser entendida tal manipulação, já que a TCV sempre se apresentou e continua a apresentar-se enquanto meio controlado e dominado pelo (s) governo (s), tal situação não pode ser aceite, já que o que pretendemos e exigimos, porquanto que continuamos a contribuir para a TCV com o pagamento de uma taxa obrigatória, ainda que simbólica e, com a nossa audiência, ainda que baixa, é uma comunicação livre, objectiva e verdadeira.

Confesso, sobretudo aos mais argutos, que conquanto me agradasse uma análise de conteúdo à televisão cabo-verdiana, o meu texto não o procura ser, mais uma vez

socorro-me do tempo e do espaço adequado para o não fazer, no entanto as observações aqui apresentadas são seguramente sérias e não fogem ao que se vem fazendo em Cabo Verde.

Continua